



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



CRISTIANE KAROLINE RIBEIRO

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE AUTISMO E INCLUSÃO DO CONGRESSO
BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DE 2018**

UBERLÂNDIA

2019

CRISTIANE KAROLINE RIBEIRO

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE AUTISMO E INCLUSÃO DO CONGRESSO
BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DE 2018**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do certificado de graduada em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra Sônia Bertoni

UBERLÂNDIA

2019

CRISTIANE KAROLINE RIBEIRO

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE AUTISMO E INCLUSÃO DO CONGRESSO
BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DE 2018

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do certificado de graduada em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física.

Área de concentração: Análise de Produção Científica.

Uberlândia, 14 de dezembro de 2018

Banca Examinadora

Presidente: _____

Profª Dra. Sônia Bertoni – FAEFI/UFU

Membro: _____

Prof. Me. Tiago Soares Alves – ESEBA/UFU

Membro: _____

Dr. Daniel Gonçalves Cury – FAEFI/UFU

Coordenador do Curso: Prof. Dr Eduardo Henrique Santos Rosa

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha orientadora Sônia Bertoni, pelas orientações e auxílio que foi de extrema importância na construção desse trabalho. Agradeço também a todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte dessa trajetória ao longo da minha formação, principalmente à minha mãe, que apesar de todas as dificuldades e incertezas sempre me incentivou e me ajudou na realização desse sonho. Aos meus irmãos, que mesmo com a distância, sempre me fizeram ter a sensação de que nunca nos separamos e que em todo o meu caminho estiveram de mãos dadas comigo. A todos os professores que passaram os conhecimentos e caminhos para aquisição do conteúdo que aprendi até aqui e que continuarei sempre buscando. À Rafaela, que no momento que mais precisei esteve do meu lado e foi quem me deu forças, vontade e todo o suporte para conquistar o tão sonhado diploma. Aos meus amigos por toda a ajuda e por deixar o curso mais incrível do que ele já é. E por último, mas o mais importante, agradeço à Deus por me dar a honra de conviver com todas essas pessoas e pela oportunidade de viver e realizar tudo isso.

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE AUTISMO E INCLUSÃO DO CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DE 2018

CRISTIANE KAROLINE RIBEIRO

Graduanda da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: cristianekaroline@hotmail.com

Dra. SÔNIA BERTONI

Professora Associada da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: sonia.bertoni@ufu.com

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o que foi produzido no Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE) no ano de 2018 sobre o tema autismo e inclusão. A pesquisa é de análise da produção científica. Para a coleta de dados fizemos o levantamento de todos os trabalhos produzidos nos anais do congresso nesse ano. Foram encontrados 791 trabalhos com diferentes temas, dos quais selecionamos os que tratavam sobre autismo, tendo um total de 80 trabalhos, onde 30 falavam sobre autismo e inclusão, sendo 13 comunicações orais e 17 posters. Dentre esses, optamos por analisar as 13 comunicações orais, por tratar de pesquisas concluídas. De posse dos trabalhos, após a leitura dividimos em 5 subtemas: Seis na área da escolarização e inclusão; quatro na área de práticas pedagógicas inclusivas; 1 em análise da produção científica sobre inclusão escolar de alunos autistas; 1 em percepção de mães e escolarização e inclusão dos filhos autistas e 1 em formação de professores para a inclusão. Concluindo, em relação a produção científica sobre autismo e inclusão verificamos que há uma tendência atual das pesquisas relacionadas ao tema da inclusão de estudantes com autismo na escola comum, apesar de ainda existirem lacunas que se evidenciam no número baixo de trabalhos voltados para o processo de inclusão de estudantes com TEA nos anos finais da Educação Básica e no Ensino Superior. Além disso, ainda estão relacionadas a pontos iniciais do conhecimento sobre a área, como diagnósticos, intervenção precoce, processos de comunicação e socialização, com exceção de um eixo que trata de análises teóricas sobre as atuais referências em relação ao autismo. Já em relação ao tema autismo e inclusão verificamos nos trabalhos que muitos pontos ainda precisam melhorar para garantir a inclusão da pessoa com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular e existe um longo percurso a ser seguido, tanto por meio de políticas públicas, gestão da escola, como formação inicial e continuada dos professores e adaptações necessárias nos currículos, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Inclusão; TEA.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema central os temas autismo e inclusão. O interesse por estudar temas relacionados à deficiência veio desde estagiar em academias e verificar a falta de acessibilidade nas mesmas. Os temas autismo e inclusão foram nos apresentados pela orientadora deste trabalho, nos quais, nos despertaram motivação para desenvolver o estudo.

O autismo faz parte de um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento intitulados Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs) ou Transtornos do Espectro do Autismo (TEAs), causando comprometimento de áreas específicas do desenvolvimento, como interação social, habilidades comunicativas, interesses restritos e estereotípias ou presença de comportamentos repetitivos (SILVA, 2009).

Esse comportamento característico do autista, de padrões repetitivos e estereotípias incluem relutância às alterações na rotina, insistência em determinados hábitos, apego excessivo a objetos e forte atração com o movimento de peças, como rodas e hélices e se preocupam mais em alinhar ou apenas manusear os brinquedos do que usá-los para seu devido fim. Estereotípias motoras e verbais, como bater palmas repetitivamente, andar em círculos e se balançar são também características comuns na população autista. Sendo que na fase adulta existe uma melhora nessa resistência a mudanças e por isso conseguem se adaptar melhor, porém os interesses restritos permanecem (GADIA; TUCHAMAN; ROTTA, 2004).

De acordo com o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, de 2014, a gravidade do autismo pode ser dividida em 3 níveis, conforme mostrado na tabela abaixo:

TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 “Exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 “Exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA] 2014, p.52).

O manual classifica o autismo em 3 níveis, porém não entendemos que eles sejam um padrão que deve ser seguido à risca, ou que devesse encaixar as pessoas, porém é importante entender que existem níveis diferentes de autismo e a intervenção se torna diferente em função das características que eles possuem.

Segundo Araujo (2012, p.30),

O diagnóstico, até o momento, é clínico utilizando critérios da CID-10 (Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde), ou do DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria). Ambos colocam como pontos principais o prejuízo na área da comunicação e interação social, além da presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos.

Em 2012 foi sancionada a Lei 12.764/2012 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, sendo assim, para todos os efeitos legais, o autista é considerado pessoa com deficiência, fazendo jus às garantias que a legislação prevê para esse segmento social. (BRASIL. 2012).

A inclusão trata-se não somente de incluir pessoas com deficiência, mas todos os excluídos sociais, e como nosso objeto de estudo trata-se de autismo e inclusão, explicaremos de forma sucinta sobre a inclusão.

O ensino inclusivo é a prática da inclusão nas escolas e salas de aula, onde, em tese, as necessidades de todos os alunos são realizadas e completas, independente da origem socioeconômica ou cultural, talento ou deficiência (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Quando o termo inclusão é mencionado na educação, por se tratar de algo novo, gera inseguranças e medo da necessidade de sair da “zona de conforto”, e por isso, a construção de uma escola numa perspectiva inclusiva é um dos grandes desafios atualmente dos sistemas educacionais (MARTINS, 2012).

De acordo com Stainback e Stainback (1999), o fato de um sistema de educação especial ter funcionado durante tanto tempo, faz com que muitas escolas não saibam no momento como planejar e modificar os programas de ensino para satisfazer as diferentes necessidades dos alunos, para lidar com comportamentos difíceis e proporcionar instrumentos e técnicas necessários para que alguns alunos sejam bem-sucedidos no ensino regular. Mas ter escolas inclusivas onde todos sejam inseridos é importante demais para não se aceitar o desafio.

O principal objetivo do ensino inclusivo é servir adequadamente todos os alunos. Segundo Strick (1994 apud STAINBACK; STAINBACK 1999, p.31), “a inclusão é mais que um modelo para a prestação de serviços de educação especial. É um novo paradigma de pensamento e de ação, no sentido de incluir todos os indivíduos em uma sociedade na qual a diversidade está se tornando mais comum do que exceção”.

A educação inclusiva não é simplesmente tornar as escolas acessíveis. Trata-se da identificação das barreiras e obstáculos que os estudantes encontram na tentativa de acesso a oportunidades de educação de qualidade, bem como na eliminação das barreiras e obstáculos que levam à exclusão.

Segundo Stainback e Stainback (1999) na Conferência Mundial de 1994 da Unesco sobre Necessidades Educacionais Especiais, a educação foi discutida como sendo uma questão de direitos humanos, e os indivíduos com deficiências devem fazer parte das escolas, as quais devem modificar seu funcionamento para incluir todos os alunos.

Por isso, a inclusão escolar de alunos com autismo tem gerado um grande desafio aos espaços escolares a idealizarem e construírem novas lógicas de ensino (JESUS; EFFGEN, 2012),

oferecendo aos alunos os serviços que eles necessitam em ambientes integrados e proporcionando aos professores a atualização de suas habilidades. (STAINBACK; STAINBACK 1999).

A inclusão de pessoas com deficiência nos processos institucionais requer mais que apenas a inserção desses alunos nas salas de aula, e vai muito além de mudanças pontuais; requer transformações influenciadoras e culturais no sistema organizacional na forma como vemos o mundo e nos relacionamos, assim como o desenvolvimento de concepções, capazes de trabalharem a complexidade e o conflito ligados à interação entre diferentes sujeitos, linguagens, interesses e culturas (MIRANDA; FILHO, 2012).

Strain (1983 apud STAINBACK; STAINBACK 1999, p.23) defende “a importância da inclusão para crianças como as autistas, pois a partir disso estão oportunizando-as a adquirirem habilidades sociais através dessa inclusão, adquirindo habilidades para o trabalho e para a vida em comunidade”.

Apesar de ainda haverem obstáculos, a expansão da inclusão, é um indício de que a partir de uma reforma educacional, as escolas e a sociedade vão continuar caminhando para uma rota de práticas cada vez mais inclusivas (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

De acordo com Peixoto (2002), a solução seria uma reformulação da educação, com cursos de preparação de professores de caráter multidisciplinar, nos quais os professores, os alunos e seus familiares participem e possuam poder de decisão, além de realizações de pesquisas que atendam a especificidade de cada um, contando, na medida do possível com a participação ativa desse público.

Portanto, a inclusão, de fato, é um desafio. E inclusão do aluno autista, no nosso entendimento, torna-se um desafio ainda maior, pelas necessidades específicas destas pessoas, no caso de falta de interação e comunicação, elos essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, definimos a realização de um trabalho que teve como objetivo fazer uma análise da produção científica do Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE) realizado em 2018 que tivesse como temática central o autismo e a inclusão. Mais especificamente verificamos os objetivos destes trabalhos, os principais resultados e as conclusões.

Segundo Witter (1996, p.8),

Sendo produção científica a forma pela qual a universidade ou instituição de pesquisa se faz presente no saber-fazer-poder ciência; é a base para o desenvolvimento e a superação de dependência entre países e entre regiões de um mesmo país; é o veículo

para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes de um país; é a forma de se fazer presente não só hoje, mas também amanhã. É inegável o papel da ciência na vida das pessoas, das instituições e dos países e a produção científica está ligada à maioria, quase totalidade das coisas, dos eventos, dos lugares com que as pessoas se envolvem no cotidiano.

É através dessa atividade que o conhecimento que é produzido dentro da universidade é propagado a sociedade e assim, as informações e/ou alternativas ficam acessíveis para solução de problemas e para o seu desenvolvimento (UFS, s/d).

Entendemos que este trabalho é relevante no sentido de poder evidenciar o que a comunidade científica está produzindo na área e assim podermos relatar o que há na atualidade produzido na relação autismo e inclusão. Além disso, ressaltamos que este é o maior Congresso Brasileiro na área, tendo em vista que na universidade que o realiza, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) é onde existe o único programa em Educação Especial do Brasil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como análise da produção científica. Segundo Joly et al (2004, p. 122),

A análise pode ser feita considerando-se a temática, o discurso, a metodologia, o procedimento de análise de dados e enfoques teóricos. No tocante à temática, são analisados itens como tema, origem do tema, variáveis, classificações, thesaurus e conclusões. No discurso verifica-se o título, resumo, palavras-chave, estrutura, referências e características verbais. Ao lado disso, a metodologia também é matéria de análise em aspectos tais como, objetivos, tipologia, sujeitos, materiais, procedimentos e variáveis. Também é possível focalizar-se a análise de dados e, dentro dela, verifica se o procedimento, recursos e a natureza da análise desenvolvida (qualitativa, quantitativa ou mista). A análise dos enfoques refere-se à verificação das teorias e modelos apresentados. Outros itens passíveis de apreciação são a autoria e a vinculação do trabalho.

A produção científica pode ser considerada como o resultado do desenvolvimento de criação do conhecimento a partir da pesquisa e é através dessa produção que o conhecimento que vem de dentro da universidade chega até as organizações e a sociedade visando desenvolvê-las. (FERREIRA; SILVA, 2011).

Escolhemos para análise os anais do 8º Congresso Brasileiro de Educação Especial¹, que produziu o total de 791 trabalhos entre comunicação oral, pôster - relato de experiência e pôster e pesquisa em andamento. Sobre o tema autismo tivemos 80 trabalhos e sobre o tema inclusão e autismo tivemos o total de 30 trabalhos sendo 13 comunicações orais, e 17 posters, dentre esses 9 relatos de experiência e 8 pesquisas. Neste trabalho optamos por analisar as 13 comunicações orais, que foram pesquisas concluídas.

A seguir colocamos um quadro para identificar os autores e o título dos trabalhos de pesquisa.

Quadro 01: Trabalhos sobre autismo e inclusão que compuseram o universo amostral

Autor (es)	Título do trabalho
Kátia do Socorro Carvalho Lima Luanny da Costa Botelho Evelyn Priscyla Corrêa Carneiro	A inclusão da criança autista na educação infantil: contribuições pedagógicas
Ana Letícia Machado Pinto Ariana Cristina Pinheiro Silva Camila Graciella Santos Gomes Mariana Viana Gonzaga Aline Rodrigues Fernandes	Análise da escolarização inclusiva de alunos com autismo acompanhados por um centro especializado
Tarcila Marcelle Virtuoso de Lima Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo Clarissa Raimundo Ataíde Ana Caroline dos Santos	Autismo na educação infantil: as potencialidades pedagógicas para a inclusão educacional
Mônica Aparecida Souza da Silva Washington Cesar Shoití Nozu Renata de Oliveira Galvão Luana Marques de Lima Andréia Pires Dias	Escola do campo e inclusão de uma aluna com transtorno do espectro autista
Eduarda Moraes Cassiana Saraiva Quintão	Formação de professores e inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática

¹ A Universidade Federal de São Carlos realizou o VIII Congresso Brasileiro de Educação Especial e do XI Encontro Nacional de Pesquisadores da Educação Especial (XI ENPEE) que aconteceram entre os dias 14 e 17 de novembro.

Esse Congresso tem se materializado como importante espaço de debate e divulgação do conhecimento científico produzido na área da Educação Especial nacional e internacional. Tradicionalmente o Congresso conta com a presença de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discutem diversos temas sobre Educação Especial. Na programação foram previstos simpósios, mesas-redondas, minicursos e sessões de apresentação de trabalhos, bem como algumas sessões de cinema, lançamentos de livros e atividades culturais. (CBEE, 2019).

Arlete de Brito Guimarães Gracy Kelly Andrade Pignata Oliveira Susana Couto Pimentel	Inclusão de estudantes com espectro autista: um olhar sobre a produção científica no Brasil
Laiza Lidiane Cordeiro Ferraz Cristiele Alves Soares Sabrina Fernandes de Castro	Inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no ensino regular: um estudo de caso
Gabriel Natan de Andrade Jéssica Jaíne Marques de Oliveira	Inclusão escolar e o transtorno do espectro do autismo: desafios e possibilidades do processo inclusivo
Marli Palomares Tambara Ecleide Cunico Furlanetto	Narrativas de mães de crianças autistas a respeito das primeiras experiências escolares na educação infantil
Anderson Rubem Guimarães Leal Ana Valéria Marques Fortes Lustosa	O autismo na educação infantil: apontamentos para o processo de inclusão.
Vera Lucia Mendonça Nunes	Práticas pedagógicas na inclusão do aluno com TEA: uma revisão sistemática
Christiane Cordeiro Silvestre Dalla Vecchia /Carla Luciane Blum Vestena	Práticas pedagógicas no ensino de crianças com autismo: uma inclusão possível
Victoria Gimenez Silveira Priscila Benitez Gisele Anjos Pamella Oliveira /Tamires Almeida	Proposta de planejamento educacional individualizado na educação superior para estudante com autismo: estudo de caso

Fonte: Elaborada pela autora

De posse dos trabalhos, lemos todos e os categorizamos por subtemas. Após a categorização, identificamos os objetivos, principais resultados e as conclusões de cada subtema, fazendo uma síntese dos artigos encontrados e que passaram a compor a nova descrição dos subtemas. Em seguida, fizemos as considerações finais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura das 13 comunicações orais encontradas sobre autismo e inclusão, foi possível dividi-las em subgrupos. E as porcentagens referentes às principais categorias temáticas podem ser visualizados no quadro 02 a seguir:

Quadro 02: Subtemas dentro da área autismo e inclusão

SUBTEMAS	NÚMERO DE ARTIGOS ENCONTRADOS
----------	-------------------------------

Escolarização inclusiva de crianças autistas	06
Práticas pedagógicas sobre a inclusão de alunos com autismo no ensino regular	04
Percepção de mães, interpretadas com autores que discutem inclusão, sobre as primeiras experiências escolares de seus filhos autistas na Educação Infantil	01
Análise da produção científica sobre inclusão educacional de estudantes com autismo	01
Formação de professores para a atuação junto aos alunos autistas na rede regular de ensino	01

Fonte: Elaborada pela autora

Análise da produção científica sobre inclusão educacional de estudantes com autismo

No subtema relacionado à análise da produção científica, tem-se um artigo com foco na inclusão educacional de estudantes com autismo, buscando identificar possíveis lacunas na produção de conhecimento dessa área.

Guimarães, Oliveira e Pimentel (2018), percebem a necessidade de um novo olhar sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), onde reconhecem que existem dificuldades centrais que caracterizam o espectro, mas que também entendem a necessidade e a importância do papel da escola no processo de inclusão, seja na aprendizagem, participação ou desenvolvimento social.

Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014) apud Guimarães; Oliveira; Pimentel (2018), confirmam essa importância quando afirmam que, a interação com outras crianças no ambiente escolar contribui para o desenvolvimento social dos estudantes com autismo, reduzindo o isolamento e comprometimentos na interação social, comunicação e comportamento. Mas apesar de necessária e importante, é desafiador garantir ao estudante com TEA condições de aprendizagem e participação eficientes.

Para favorecer projetos de inclusão escolar, Giaconi e Rodrigues (2014) apud Guimarães; Oliveira; Pimentel (2018), destacam a necessidade de sucessivas investigações acerca de hipóteses etiológicas do TEA, diagnóstico precoce, além de variedades e prontidão nas intervenções educativas e didáticas.

De acordo com os autores foi possível verificar a partir de um mapeamento realizado sobre a temática, que a maioria dos estudos apontam para o autismo em relação a critérios diagnósticos, intervenção precoce, processos de comunicação e socialização, e análises teóricas sobre as atuais referências em relação ao autismo.

Os autores perceberam também a propensão de pesquisas sobre inclusão de estudantes com autismo na escola regular, apesar de ainda existirem algumas lacunas, devido ao número reduzido de investigações com foco no processo de inclusão de alunos com autismo nos anos finais da Educação Básica e na Educação Superior.

Portanto, o número baixo de pesquisas nesses estágios, faz com que seja mais desafiador do que já é, tanto para os pesquisadores da área, quanto para os profissionais que precisam receber e atender esse público.

Escolarização inclusiva de crianças autistas

Nesse subtema foi possível perceber que os artigos encontrados tinham como objetivo comum analisar o processo de inclusão escolar dos alunos com autismo na escola regular.

De acordo com Gomes et al. (2017) apud Pinto; Silva; Gomes; Gonzaga; Fernandes (2018), conhecer os aspectos da escolarização inclusiva de alunos com transtorno do espectro autista pode ser importante para um adequado planejamento de intervenção.

E Ropoli (2010, p. 9) apud Ferraz; Soares; Castro (2018), afirma que a escola “se torna inclusiva quando reconhece as diferenças diante do processo educativo e busca a participação e progresso de todos...”

Por isso, de acordo com Ferraz; Soares; Castro (2018), o trabalho deve ser feito em equipe objetivando o desenvolvimento do aluno. Mas há uma dificuldade de alguns professores de reconhecer a importância da cooperação entre a educação especial e o professor do ensino regular, devido à falta de formação e pelo contexto cultural de que o compromisso com os alunos com necessidades educacionais especiais ainda seja apenas da educadora especial.

A partir desses autores entende-se então essa necessidade de um trabalho mais colaborativo entre professores regentes e professores especialistas para, trabalhando em conjunto, pensarem com relação ao planejamento, na execução e na avaliação educacional de todos os alunos.

Já que as características diagnósticas do TEA são geralmente conhecidas por quem trabalha na educação especial. Mas é necessário também aos professores da escola comum conhecer e aprofundar as implicações das características do TEA nos processos pedagógicos da educação infantil. (LEAL; LUSTOSA, 2018).

Brasil, (2003), p.34 apud Ferraz; Soares; Castro (2018), presumem então que se realize a adequação do currículo regular, se necessário, para que ele se torne apropriado às características e especificidades dos alunos com necessidades especiais. Não criar um novo currículo, mas sim um currículo que possa sofrer alterações ou ampliações para que consiga atender realmente todos os educandos.

Uma vez que o TEA traz consequências tanto para a interação como para o brincar, é importante se pensar alternativas de compensar tais dificuldades para que esses alunos não apenas frequentem as creches ou pré-escolas, mas que a proposta curricular consiga alcançar e colocar em prática visando o desenvolvimento e aprendizagem nestas crianças (LUSTOSA; LEAL, 2018).

E ainda de acordo com Lustosa; Leal, (2018), isso só pode ser alcançado através da evolução e enriquecimento da formação do professor e dos demais profissionais que trabalham no ambiente da educação infantil, especialmente numa cultura de trabalho colaborativo.

Tendo a gestão escolar um papel fundamental em verificar e eliminar as barreiras que impedem a participação de todos os alunos, e é na construção de um Projeto Político Pedagógico focado em uma proposta em que a escola se torna verdadeiramente inclusiva que é iniciada a concretização dessas mudanças. (FERRAZ; SOARES; CASTRO, 2018).

Podemos concluir então que, as dificuldades encontradas pelas crianças autistas, na interação social e comunicação podem ser contornadas a partir de estratégias adequadas. E apesar de verificarmos que é um desafio para toda a comunidade escolar, isso pode ser alcançado através do enriquecimento da formação de todos os profissionais da área da educação, e com um trabalho colaborativo.

Percepção de mães, interpretadas com autores que discutem inclusão, sobre as primeiras experiências escolares de seus filhos autistas na Educação Infantil

O artigo desse subtema buscou investigar as percepções das mães de crianças diagnosticadas com TEA acerca das primeiras experiências escolares.

Concordando com os subtemas anteriores, as percepções das mães apontaram para a importância da escola na aprendizagem desses alunos, não pensando apenas nos aspectos pedagógicos, mas também sociais. E além disso, destacaram que sem a equipe escolar trabalhando em conjunto e com os recursos necessários, o processo de inclusão fica comprometido. (TAMBARA, 2018).

Ainda de acordo com o mesmo Tambara (2018), o maior desafio é o aluno com autismo conseguir a permanência na escola, mas com verdadeiro aproveitamento pedagógico, além de social. E para que isso aconteça, é fundamental que toda a equipe escolar esteja envolvida e comprometida na construção de um ambiente de fato inclusivo.

Visto que, incluir o aluno com deficiência não é apenas garantir a sua permanência na escola regular por meio das leis, mas sim realizar mudanças necessárias para incentivá-lo no processo de ensino-aprendizagem, e assim conseguir desenvolver suas competências. (TAMBARA, 2018).

Entre os pontos destacados pelas mães, um dos mais importantes foi em relação à atuação dos profissionais da equipe escolar, julgando que existe uma falta de familiaridade e experiência prática por parte desses professores e profissionais de modo geral, fazendo com que eles não saibam o que fazer e não fazer com uma criança autista, como seus filhos, e que isso dificulta a inclusão nessas escolas.

De acordo com Glat e Nogueira (2003) apud Tambara (2018), a formação dos professores durante muito tempo foi traçado em uma concepção onde o processo de ensino-aprendizagem era dividido em normal, ficando sob a responsabilidade das Escolas Regulares e patológico, cabíveis às escolas de Educação Especial. E para os autores, isso tem dificultado a implementação da Educação Inclusiva, já que essa segregação permaneceu por muito tempo e muitos professores se formaram com essa concepção.

Para Tambara (2018), a inclusão escolar de crianças com autismo é uma oportunidade de crescimento das relações sociais para todas as crianças, porque favorece não só o seu próprio desenvolvimento, mas também o das outras crianças, já que todos aprendem com as diferenças.

Ficou evidente para os Tambara (2018), que as famílias se sentem desamparadas pelas Políticas Públicas e pelo Estado e que mesmo que não seja da forma como elas gostariam ou tem direitos, a escola representa a única via possível de inclusão social para essas famílias com crianças com TEA em nosso país.

Sendo assim, podemos concluir que de acordo com a narrativa das mães em diálogo com autores que discutem inclusão escolar, há uma necessidade de preparar a equipe escolar, desde a parte técnica até a emocional para conseguir se envolver no trabalho com crianças diagnosticadas com autismo.

E ainda, que apesar de não concordarem que a escola é da forma como elas gostariam ou tem direitos, elas enxergam essa escola como a única via possível de inclusão para os filhos, carregando consigo uma preocupação quanto ao futuro, já que essa é a única opção de inclusão social, quando essa fase terminar, a dúvida de como será a fase adulta gera medo nessas mães, que se sentem desamparadas pelo Estado e pelas políticas públicas.

Práticas pedagógicas sobre a inclusão de alunos com autismo no ensino regular

Os artigos desse subtema têm como objetivo comum analisar como é a prática pedagógica dos professores em relação a inclusão no ensino regular.

Devido não só ao aumento significativo das crianças com TEA, mas também sua inserção nas escolas e por alcançarem seus direitos incontestáveis perante à Constituição, é que as escolas cada vez mais precisam assumir novas estratégias para lidar com esse novo propósito, contribuindo com a aprendizagem de qualidade dessas crianças. (BOTELHO; LIMA; CARNEIRO, 2018).

Os autores Botelho; Lima; Carneiro, (2018), concordam que uma equipe multidisciplinar pode apoiar a rede de serviços de assistência à criança autista e se organizar como apoio definitivo para o desenvolvimento integral da criança na escola.

Parra (2009) apud Botelho; Lima; Carneiro, (2018) discute a importância do Acompanhante Terapêutico (AT) como forma de auxiliar no processo de inclusão de educandos com autismo, promovendo sua autonomia e independência e (re)inseri-los no convívio social.

Mas para garantir a permanência dos alunos na escola não seria suficiente apenas o trabalho do AT, é necessário articular a prática do AT com as do professor regente e demais membros da instituição. (BOTELHO; LIMA; CARNEIRO, 2018).

Pensando na prática, para Botelho; Lima; Carneiro, (2018), muitos pontos ainda precisam melhorar para garantir a inclusão dessas crianças no ensino regular e há um longo caminho a ser

percorrido, por meio de políticas públicas, gestão adequada, formação de professores, adaptações curriculares necessárias, entre outros fatores.

Por isso, ainda de acordo com esses autores, há a necessidade de todos os profissionais da escola, família e equipe multidisciplinar trabalhando conjuntamente para atender as mudanças necessárias, dependendo também de compromisso político e ações renovadoras do próprio sistema de ensino, como formação inicial e continuada dos professores e viabilização de recursos para que as necessidades das crianças sejam atendidas, nos campos de inclusão, participação, desenvolvimento e aprendizagem.

Outro ponto importante, destacado por Vecchia; Vestena (2018), é em relação aos professores se reconhecerem como mediadores, conseguindo observar as necessidades de todas as crianças e só assim conseguem realizar um trabalho de práticas pedagógicas diferenciado e inserir as crianças com autismo na cultura de aprendizagem.

Santos et al., (2018), afirma que o autista passa por muitos impactos emocionais quando há mudança na rotina ou passa a frequentar ambientes que antes não frequentava e por isso, para que haja essa inclusão é necessária que o professor conheça sobre tudo o aluno. Além disso, o papel do professor em estar antenado e em constante formação para as necessidades e especificidades de seus alunos é algo primordial.

Logo, destaca-se a importância da escola se transformar e estar preparada, trabalhando juntamente com a família para que o processo de aprendizagem aconteça, conseguindo atender as necessidades específicas de cada aluno.

Formação de professores para a atuação junto aos alunos autistas na rede regular de ensino

O objetivo do trabalho foi realizar uma análise e mapeamento sobre a formação de professores para atuar junto aos alunos com Transtorno do Espectro Autista na rede regular de ensino.

Os autores Quintão; Moraes (2018), mostraram que as dificuldades encontradas em relação a inclusão de alunos com autismo por parte dos professores eram relacionadas desde questões sobre as características do transtorno até como ensinar esses alunos. E no meio das estratégias utilizadas, alguns professores trabalhavam de maneira individualizada com esse aluno, o que reforça a exclusão desse público, já que não houve flexibilização da metodologia para incluir o estudante com autismo, nem mudança no planejamento das atividades escolares.

Fica então evidenciado o despreparo e ausência de suporte dos professores, resultando práticas excludentes e déficits no processo de aprendizagem. Onde Naujorks (2002) apud Quintão; Moraes (2018), confirma que a realidade escolar é organizada com escassez de projetos de formação continuada para que os professores se tornem capacitados para receber esses alunos, além da ausência da família em acompanhar o trabalho da escola e a desvalorização profissional, colocando então o professor em uma situação que foge do seu controle e preparo.

Nesse contexto, cada vez mais tem sido constante a importância da preparação dos profissionais, principalmente o professor da classe comum, para conseguir um atendimento educacional pensando nas necessidades educacionais de todas as crianças, com ou sem deficiência, o que vai de encontro aos outros autores citados em subtemas anteriores. (QUINTÃO; MORAIS, 2018).

O professor do ensino regular, precisa entender a importância da inclusão, e da necessidade de realizar mudanças nas suas condições de ensino e que isso pode necessitar do apoio e ajuda de outros profissionais (ROSIN-PINOLA, A. R; DEL PRETE Z. A. P., (2014) apud QUINTÃO; MORAIS, 2018).

De acordo com Quintão; Moraes (2018), o fator decisivo para conseguir uma educação mais justa e inclusiva e a efetivação das leis que dão direitos aos alunos com necessidades especiais nas escolas regulares é a formação inicial e continuada dos professores, já que muitos encontram dificuldades em lidar com o aluno com TEA, principalmente em relação as práticas pedagógicas.

A formação dos professores é sem dúvida, fator primordial para a inclusão, dentre tantas outras necessidades, tanto inicial quanto continuada, preparando esses profissionais para atuação adequada aos alunos com autismo e demais públicos da Educação Especial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação a produção científica sobre autismo e inclusão verificamos que há uma tendência atual das pesquisas relacionadas ao tema da inclusão de estudantes com autismo na escola comum, apesar de ainda existirem lacunas que se evidenciam no número baixo de trabalhos voltados para o processo de inclusão de estudantes com TEA nos anos finais da Educação Básica e no Ensino Superior. Além disso, ainda estão relacionadas a pontos introdutórios do conhecimento como diagnósticos, intervenção precoce, processos de comunicação e socialização, tendo apenas

um tratando de análises teóricas sobre as atuais referências em relação ao autismo. Neste eixo das análises teóricas destaca-se os temas encontrados em nossa pesquisa relacionados a autismo e inclusão quais foram: análise da produção científica, escolarização e inclusão, percepção de mães e escolarização, práticas pedagógicas e formação de professores.

Em relação ao tema autismo e inclusão, objeto do estudo, verificamos nos trabalhos que muitos pontos ainda precisam melhorar para garantir a inclusão da pessoa com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular e existe um longo percurso a ser seguido, tanto por meio de políticas públicas, gestão da escola, como formação inicial e continuada dos professores e adaptações necessárias nos currículos, entre outros.

Ressalta-se ainda, que muitas mães de crianças diagnosticadas com o transtorno se sentem desamparadas pelo Estado e pelas Políticas Públicas e veem a escola como a única via de inclusão social para os filhos.

Sendo assim, destaca-se ainda mais a importância da inclusão escolar para as crianças autistas, já que podemos concluir com os trabalhos apresentados no decorrer dessa análise que as dificuldades encontradas por essas crianças com TEA, podem ser contornadas através de práticas pedagógicas adequadas. Mas que isso só pode ser alcançado através do fortalecimento da formação do professor e de todos os profissionais no contexto da educação trabalhando em conjunto com as famílias.

THE SCIENTIFIC PRODUCTION ON AUTISM AND INCLUSION OF THE BRAZILIAN
CONGRESS OF SPECIAL EDUCATION OF 2018

The general objective of this research is to analyze what was produced in the Brazilian Congress of Special Education (CBEE) in 2018 on the theme of autism and inclusion. The research is to analyze the scientific production. For the collection of data we have surveyed all the papers produced in the annals of the congress that year. We found 791 papers with different themes, where we selected those dealing with autism, having a total of 80 papers, where 30 talked about autism and inclusion, being 13 oral communications and 17 posters. Among these, we chose to analyze the 13 oral communications, dealing with completed research. After reading the papers, we divided them into 5 sub-themes: Six in the area of schooling and inclusion; four in the area of inclusive pedagogical practices; 1 in analysis of scientific production on school inclusion of autistic students; 1 in perception of mothers and schooling and inclusion of autistic children and 1 in teacher training for inclusion. In conclusion, in relation to the scientific production on autism and inclusion, we verify that there is a current trend in research related to the theme of inclusion of students with autism in the common school, although there are still gaps that are evident in the low number of works directed to the process of inclusion of students with TEA in the final years of Basic Education and in Higher Education. Furthermore, they are still related to initial points of knowledge about the area, such as diagnosis, early intervention, communication and socialization processes, with the exception of an axis that deals with theoretical analysis about the current references in relation to autism. In relation to autism and inclusion, we see that many points still need to be improved in order to guarantee the inclusion of people with Autism Spectrum Disorder in regular education and there is a long way to go, both through public policies, school management, initial and continued training of teachers and necessary adaptations in the curricula, among others.

ABSTRACT:

KEY WORDS:. *Autism: Inclusion; TEA.*

LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA SOBRE EL AUTISMO Y LA INCLUSIÓN DEL CONGRESO BRASILEÑO DE EDUCACIÓN ESPECIAL DE 2018

RESUMem: : *El objetivo general de esta investigación es analizar lo que se produjo en el Congreso Brasileño de Educación Especial (CBEE) en 2018 sobre el tema del autismo y la inclusión. La investigación es para analizar la producción científica. Para la recopilación de datos hemos revisado todas las ponencias producidas en los anales del congreso de ese año. Encontramos 791 trabajos con diferentes temas, donde seleccionamos los que trataban sobre el autismo, teniendo un total de 80 trabajos, donde 30 hablaban sobre el autismo y la inclusión, siendo 13 comunicaciones orales y 17 pósters. Entre ellas, elegimos analizar las 13 comunicaciones orales, que se refieren a la investigación completada. Después de leer los documentos, los dividimos en 5 subtemas: Seis en el área de escolarización e inclusión; cuatro en el área de prácticas pedagógicas inclusivas; 1 en el análisis de la producción científica sobre la inclusión escolar de estudiantes autistas; 1 en la percepción de las madres y la escolarización e inclusión de niños autistas y 1 en la formación de profesores para la inclusión. En conclusión, en relación a la producción científica sobre autismo e inclusión, verificamos que existe una tendencia actual en la investigación relacionada al tema de la inclusión de estudiantes con autismo en la escuela común, aunque todavía hay lagunas que se evidencian en el bajo número de trabajos dirigidos al proceso de inclusión de estudiantes con TEA en los últimos años de la Educación Básica y en la Educación Superior. Además, siguen estando relacionados con puntos iniciales de conocimiento sobre el área, como el diagnóstico, la intervención temprana, los procesos de comunicación y socialización, con la excepción de un eje que trata del análisis teórico sobre las referencias actuales en relación con el autismo. En relación con el autismo y la inclusión, vemos que todavía hay muchos puntos que deben ser mejorados para garantizar la inclusión de las personas con Trastorno del Espectro Autista en la educación regular y hay un largo camino por recorrer, tanto a través de las políticas públicas, la gestión escolar, la formación inicial y continua de los profesores y las adaptaciones necesarias en los planes de estudio, entre otros.*

PALABRAS CLAVE: Autismo; Inclusión; TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV-TR, Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (5a ed. rev.). Porto Alegre: Artmed.2014

ARAÚJO, R. M. Autismo, Educação, Educação Física. In: Org. BERTONI, S.; LIMA. S. R. *Diversidade e Educação Especial: necessidades educacionais especiais e atividades físicas*. Uberlândia: Hebrum, 2012.

BOTELHO, L. da C; L., CARVALHO, K. do S.; CARNEIRO, E. P. C. Congresso Brasileiro De Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *A Inclusão da Criança Autista na Educação Infantil: contribuições pedagógicas*. São Carlos: Galoá, 2018. 15 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/a-inclusao-da-crianca-autista-na-educacao-infantil--contribuicoes-pedagogicas>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

CBEE. CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Anais** do 8º Congresso Brasileiro de Educação Especial. 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee-2018/inicio>. Acesso em: 02/09/2019.

FERRAZ, L. L. C.; SOARES, C. A; CASTRO, S. F. de. Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *Inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no ensino regular: um estudo de caso*. São Carlos: Galoá, 2018. 14 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/inclusao-escolar-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista-no-ensino-regular%3A-um-estudo-de-caso>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

FERREIRA, A. F; SILVA, V. B. da *Produção Científica: Conceitos, iniciativas e fatores complicadores*. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/enebd2011/article/view/45>. Acesso em: 01/05/2019.

GADIA, C. A., TUCHMAN, R., ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*. 0021-7557/04/80-02-Supl/S83. 2004.

GUIMARÃES, Arlete de Brito; OLIVEIRA, Gracy Kelly Andrade Pignata; PIMENTEL, Susana Couto. Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *Inclusão de estudantes com espectro autista: um olhar sobre a produção científica no Brasil*. São Carlos: Galoá, 2018. 14 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/inclusao-de-estudantes-com-espectro-autista%3A-um-olhar-sobre-a-producao-cientifica-no-brasil>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

JOLY, M. C. R. A. et al. Análise da produção científica em avaliação psicológica informatizada. *Aval. psicol.*, Porto Alegre , v. 3, n. 2, p. 121-129, nov. 2004. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000200007&lng=pt&nrm=iso Acesso em 06 jul. 2019.

JESUS, D.M.; EFFGEN, A.P.S. Formação docente e práticas pedagógicas: conexões, possibilidades e tensões. In: MIRANDA, T.G.; GALVÃO FILHO, T.A. (Org.). *O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. Salvador: EDUFBA, 2012.

LEAL, A. R. G.; LUSTOSA, A. V. M. Fortes. Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *O autismo na educação infantil: apontamentos para o processo de inclusão*. São Carlos: Galoá, 2018. 16 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/o-autismo-na-educacao-infantil%3A-apontamentos-para-o-processo-de-inclusao>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

MARTINS, L.A.R. Reflexões sobre a formação de professores com vistas a educação inclusiva. In: MIRANDA, T.G.; GALVÃO FILHO, T.A. (Org.). *O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MIRANDA, T. G; FILHO, T. A. *O professor e a educação inclusiva: Formação, práticas e lugares*. Salvador. Disponível em: file:///C:/Users/Usu%C3%A1ria/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva.pdf. Acesso em: 08/11/2019.

PEIXOTO, Maria Angélica. *Inclusão ou Exclusão: O Dilema da Educação Especial*. 2. ed. Goiânia: Germinal, 2002.

PINTO, A. L. M.; SILVA, A. C. P.; GOMES, G. S.; GONZAGA, M. V.; FERNANDES, A. R. Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *Análise da escolarização inclusiva de alunos com autismo acompanhados por um centro especializado*. São Carlos: Galoá, 2018. 13 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/analise-da-escolarizacao-inclusiva-de-alunos-com-autismo-acompanhados-por-um-centro-especializado>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

QUINTÃO, C. S.; MORAIS, E. de S.; Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *Formação de Professores e Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Sistemática*. São Carlos: Galoá, 2018. 17 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/formacao-de-professores-e-inclusao-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista--uma-revisao-sistematica>>. Acesso em: 11 nov. 2019

SANTOS, A. C. dos; ATAIDE, Clarissa Raimundo de; LIMA, Tarcila Marcelle Virtuoso de; RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante. Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *Autismo na Educação Infantil: as potencialidades pedagógicas para a inclusão educacional*. São Carlos: Galoá, 2018. 19 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/autismo-na-educacao-infantil%3A-as-potencialidades-pedagogicas-para-a-inclusao-educacional->>>. Acesso em: 11 nov. 2019

SILVA, M.; MULICK, J.A. Diagnosticando o transtorno autista: questões fundamentais e considerações práticas. *Psicologia: ciência e profissão*. Brasília, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

98932009000100010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 de abril de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010>.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. *Inclusão: um guia para educadores*. Trad. de Magda F. Lopes et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

UFS/SD. Produção Científica. Disponível em: <http://pesquisapos.ufs.br/pagina/1850> . Acesso em 22/02/2019.

TAMBARA, M. P. Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *Narrativas de Mães de Crianças Autistas a respeito das primeiras experiências escolares na Educação Infantil*. São Carlos: Galoá, 2018. 15 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/narrativas-de-maes-de-criancas-autistas-a-respeito-das-primeiras-experiencias-escolares-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

VECCHIA, C. C. S. D.; VESTENA, C. L. B. Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8., 2018, São Carlos. *Práticas pedagógicas no ensino de crianças com autismo: uma inclusão possível*. São Carlos: Galoá, 2018. 15 p. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/praticas-pedagogicas-no-ensino-de-criancas-com-autismo%3A-uma-inclusao-possivel>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

WITTER, G. Porto. 1996. *Catálogo de publicações dos docentes 1990/1994*. Campinas: Edições PUC.